

**NOTAS SOBRE O USO DE ALGORITMOS NA POLÍTICA E AS DIFICULDADES  
DA REFLEXÃO FILOSÓFICA**  
[NOTES ON THE USE OF ALGORITHMS IN POLITICS AND THE DIFFICULTIES  
OF PHILOSOPHICAL REFLECTION]

**Itamar Soares VEIGA**

Doutor em Filosofia pela PUC-RS  
Prof. da Universidade Caxias do Sul  
E-mail: inpesquisa@yahoo.com.br

**Resumo**

Este artigo trata sobre as dificuldades da reflexão filosófica perante o cenário político do século XXI. Após duas décadas, pode-se ter uma clareza do envolvimento de recursos da ciência da computação para determinar resultados políticos específicos. Existe uma série de fenômenos políticos populistas, de cunho conservador que eclodiram no mundo todo antes da pandemia do Covid 19. Estes fenômenos geraram verdadeiras rupturas em cenários políticos consolidados e tornaram necessária uma reflexão mais aprofundada sobre o que é a política. Este artigo visa mostrar alguns aspectos do fenômeno populista e identificar os principais pontos das dificuldades que são impostas à reflexão filosófica. Para uma base a respeito da reflexão política, será utilizado como eixo, o texto “o que filosofia política?” de Leo Strauss. A conclusão aponta para uma atenção maior dos filósofos em relação aos algoritmos na política e coloca em pauta a relação entre o abstrato e mundo concreto, este impulsionado pelo código de programação.



74

**Palavras-chave**

populismo; algoritmos; política; Strauss

**Abstract**

This article deals with the difficulties of philosophical reflection in the 21st century political scenario. After two decades, one can have a clear understanding of the involvement of computer science resources to determine specific results. There are a number of conservative, populist political phenomena that erupted around the world before the Covid 19 pandemic. These phenomena generated real ruptures in consolidated political scenarios and required a deeper reflection on what politics is. This article aims to show some aspects of the populist phenomenon and identify the main points of the difficulties imposed on philosophical reflection. For a basis on political reflection, the text “what political philosophy?” will be used as an axis. by Leo Strauss. The conclusion points to a greater attention of philosophers in relation to algorithms in politics and sets the agenda for the relationship between the abstract and the concrete world driven by programming code.

**Keywords**

populism; algorithms; politics; Strauss

## Introdução

O contexto do mundo atual, dominado pelo conservadorismo e assolado por uma pandemia mortal, surgida em 2020, pode ser descrito em largas linhas como o resultado de um excesso que conduz a uma dificuldade de compreensão ou mesmo ao caos. Diferentes aspectos conflitam ou se incrementam uns aos outros na mudança de comportamentos e de perspectivas. Mas, é preciso lembrar, também, que há uma imersão em tecnologia e em personalização em todo este conjunto. Neste contexto cabem muitas perguntas e pesquisas. Por exemplo, pode-se perguntar por que algoritmos são usados em disputas políticas? Um uso que ocorre, principalmente no período das duas décadas iniciais do século XXI? Estas perguntas remetem para áreas de conhecimento que não são a filosofia. Por exemplo, as repostas podem ser buscadas na sociologia (ciência política), na economia, na psicologia social e, com destaque, na ciência da computação. Mas, e a filosofia? Que tipo de base serve para ela adentrar neste debate?

Uma opção seria indagar sobre as consequências éticas, o que implicaria adotar uma posição dentre as diversas correntes éticas da filosofia. E, uma outra opção seria indagar sobre os efeitos das mudanças e rupturas no comportamento político que interferem na base mesma de qualquer reflexão filosófica com respeito a tais rupturas. Esta opção seria o início de um aprofundamento necessário. E, esta reflexão se situa na filosofia política. Sendo assim, deste já, a parte referente ao conteúdo filosófico deste artigo remete à filosofia política.

Na primeira seção será mostrado como os fenômenos políticos atuais, por meio de uma interface com a tecnologia, desenvolvem práticas que instigam comportamentos disruptivos em relação às práticas políticas anteriormente conhecidas. A consequência será de que a postura disruptiva de movimentos políticos baseados em análise de dados (computação) impõe dificuldades específicas à análise filosófica. No intuito de contribuir para esclarecer pontualmente estas dificuldades, é necessário buscar as principais características destes fenômenos político-algorítmicos. Neste contexto, o artigo procura



responder a seguinte pergunta: quais são os fenômenos que a reflexão da filosofia política deve enfrentar diante de um populismo<sup>1</sup> político tecnológico?

Urge desenvolver ligações com perspectivas mais recentes do mundo político e do âmbito cotidiano em geral, tendo a tecnologia como eixo determinante. Para encontrar este eixo, ao longo da primeira seção se utiliza algumas passagens do livro de Giuliano Da Empoli: *Os engenheiros do caos* (2020). E, no que diz respeito a uma sustentação filosófica que é mundanamente confrontada, explora-se o quadro conceitual sobre o que é a política, constante no texto de Leo Strauss: *O que é filosofia política?*

A identificação de alguns pontos exige, no primeiro momento, uma interface com outras áreas de conhecimento, representada pelo livro de Empoli, Em um segundo momento se expõe as dificuldades da filosofia sob os efeitos da junção entre política e algorítmicos a partir de um resgate das ideias de Leo Strauss. O resultado deve circunscrever as dificuldades se colocando como ponto de auxílio na reflexão sobre política e sociedade em pleno século XXI.



### **1. Uma Descrição da Efetividade da Tecnologia no Meio Político**

A política é uma prática que em tempos passados, mas não remotos, não dependia diretamente da tecnologia. Esta união entre política e tecnologia começou a se tornar efetiva a partir da capacidade de reunir dados e direcionar pensamentos e comportamentos de pessoas, grupos e populações inteiras<sup>2</sup>. Particularmente ao longo da primeira década do século 2000, o uso da tecnologia foi empregado para além da divulgação de propaganda

---

<sup>1</sup> Neste artigo a expressão “populismo” significa, na maior parte das vezes, um movimento que inicia no âmbito digital (blog, rede social etc.) e migra para o campo da política. Geralmente este movimento é de cunho conservador. Entretanto, não se faz, na análise duas seções, uma identificação do “populismo” com o fascismo como realiza Maurizio Lazzarato (2019, p.38).

<sup>2</sup> Maurizio Lazzarato também destaca isto em vários momentos do seu livro, um exemplo é: “O poder consiste exatamente no fato de ‘tornar provável’. É justamente o discurso das grandes empresas digitais (Google, Amazon, Facebook etc.) do Vale do Silício. Através dos ‘dados’, elas vão agir sobre os comportamentos possíveis antecipando-os.” (2019, p.74). Lazzarato desenvolve outras ideias associadas que exigiriam um outro artigo para expô-las e analisá-las.

comercial. Os recursos técnicos, por meio de um trabalho de análise dos dados e de uma confecção de modelos preditivos, assumiram a intenção de sugerir e orientar ações dos representantes políticos. Os resultados de associação entre técnica computacional e política dependem de uma base de dados que forneça o histórico do comportamento de eleitores em vários âmbitos, ou seja, depende da obtenção de dados pessoais. Este acúmulo de dados para análise computacional foi proporcionado pelo uso da internet e, incrementado pelo uso da internet em modo digital na Web.

Na história do uso da tecnologia, visando interagir com comportamento humano, está a iniciativa da empresa Amazon, em direcionar a sua publicidade e o oferecimentos de produtos mediante as preferências dos clientes. Isto significa uma personalização. Este processo de personalização não se restringiu apenas ao âmbito comercial. A partir de 2009, a empresa Google inseriu processo de personalização no seu site de busca. A partir deste momento, não somente os resultados comerciais se conduzem conforme um processo de personalização, mas a própria ótica sobre o mundo real pode se tornar gradativamente personalizada. Em ambos os caso, temos o que Eli Pariser denominou de bolhas de filtro (PARISER, 2012). As bolhas de filtros determinam o sentido de realidade para um indivíduo. O uso da personalização e o modo de inflar as bolhas de filtro no âmbito comercial migraram para a política.

O livro de Giuliano Da Empoli de 2020 expõe os acontecimentos políticos vinculado a uma emergência de um populismo. A exposição de Empoli não é de um local ou país específico, mas, ao contrário, ele procura deixar claro que o populismo é disseminado pelo mundo;

[...] Onde quer que seja, na Europa ou em outros continentes, o crescimento dos populismos tomou a forma de uma dança frenética que atropela e vira do ao avesso todas as regras estabelecidas. Os defeitos e vícios dos líderes populistas se transformam, aos olhos dos eleitores, em qualidades. Sua inexperiência é a prova de que eles não pertencem ao círculo corrompido das elites. E sua incompetência é vista como garantia de autenticidade. As tensões que eles produzem em nível internacional ilustram sua independência, e as *fake news* que balizam sua propaganda são a marca de sua liberdade de espírito. (EMPOLI, 2020, p. 17-18).

Não por acaso o livro de Empoli inicia com a narrativa do carnaval de Veneza e o impacto em visitante alemão no século XVIII: Goethe (1749-1832). Isto dá o ensejo para que Empoli fale sobre as características do carnaval em si e destaque, entre elas, as



inversões de papéis ou o virar ao “avesso todas as regras estabelecidas”. Ele se detém mais nesta última característica, neste virar “ao avesso” surgem as inversões: o vício se torna qualidade, a inexperiência se converte na esperança de algo novo e a incompetência sinaliza de autenticidade. Além disto, no entorno de todas estas inversões, predomina a atmosfera licenciosa típica de uma festa como o carnaval, a qual carrega a produção de notícias falsas<sup>3</sup> que duram pequenos períodos durante a festividade.

Estas inversões de papéis são executadas pelos movimentos populistas e geram efeitos na prática política tradicional. Os efeitos são deletérios para a política e, os motivos pelos quais eles são assim, serão mostrados na segunda seção deste artigo. Neste momento, a presente seção centraliza-se em caracterizar quais são os componentes inéditos desta prática populista. De algum modo houve uma migração de recurso tecnológico empregado no âmbito comercial, mais precisamente, a personalização, para o âmbito político. Giuliano Da Empoli expõe os dados concretos desta transição. E, este autor inicia seu livro com o surgimento do Movimento 5 Estrelas na Itália.

O Movimento 5 Estrelas irrompeu na primeira década do século XXI e, segundo Empoli, este movimento teve uma configuração geral que serviu de exemplo para outras iniciativas semelhantes em todo cenário mundial. Uma das características deste movimento foi ter surgido fora do campo político usual, seu processo de formação e amadurecimento ocorreu em outra esfera: a internet por meio de um blog. Este fato se associa com uma gradativa transformação da necessidade de refletir sobre conteúdos políticos ou realizar debate para a formação política de um quadro de militantes. Isto é, o blog não foi como um veículo de orientações e propostas, como procederia a um partido tradicional. O blog foi um mecanismo de suscitar um comportamento social de indignação e, portanto, um comportamento baseado nas emoções. O movimento 5 Estrelas posteriormente, se assumiu como político e se tornou um partido, sem perder sua forma originária de se organizar. E, a tecnologia continuou presente na função de manter o engajamento por meio dos processos midiáticos gerados a partir da análise dos dados e uso personalizado de mensagens.

---

<sup>3</sup> As “notícias falsas” podem ser consideradas uma tradução da expressão inglesa: “fake news”, no entanto, quando estas notícias não estão mais associadas a uma atmosfera de festa, como, por exemplo, a do carnaval, e causam alguma espécie de dolo, a tradução como “notícias fraudulentas” seria mais adequada.



Dentro do espectro político, a outra característica do movimento 5 Estrelas foi sua posição de não adotar uma clara opção dentro da cena política institucional, ou seja, nem de esquerda política e nem de direita. Repousa nesta tentativa de não identificação clara da ideologia, uma recusa da discussão de conteúdos políticos ou, conteúdos aceitos como “tradicionalmente” políticos. O resultado que acompanhada esta tentativa de não alinhamento de uma pretensa “nova política” é a constatação de como pode ser eficiente o uso da análise de dados e das técnicas de engajamento de uso comercial transladadas para a política. Os procedimentos técnicos substituem a discussão de conteúdos políticos por informações mais imediatas e que servem para despertar emoções. Isto significa uma desvalorização ou uma degradação da política. Empoli menciona destaca esta eficiência dos procedimentos técnicos:

Partidos xenófobos de direita existem mais ou menos em toda Europa, com taxas de adesão similares, ou até superiores às da Liga antes da primavera de 2018. Mas eles não atingem a maioria, em geral não encontram aliados dispostos a governar a seu lado. A verdadeira especificidade italiana é o algoritmo pós-ideológico do Movimento 5 estrelas, que colheu um terço dos votos dos italianos nas eleições graças a uma plataforma sem nenhum conteúdo político e, portanto, pronta a ser utilizada por qualquer um para chegar ao poder seja Salvini ou seus adversários pró-europeus do Partido Democrata. (EMPOLI, 2020, p.40).



Esta característica de uma ausência de “conteúdo político” da “plataforma” assinala uma via na qual o procedimento técnico possui um protagonismo determinante que não é explícito. Porque, nem todos conseguem entender a ação dos algoritmos e, quando há pessoas interessadas que possuem conhecimentos técnicos, o acesso ao código é impedido ou dificultado. Esta inter-relação entre recursos técnico-digitais e a política permanece na obscuridade, como uma espécie de eminência parda (LAZZARATO, 2019, p.113), deixando transparecer apenas os efeitos, os quais, na maior parte das vezes são a catarse emocional de militantes repletos de informação dirigida. Mas, esta inter-relação, emocionadamente condicionada, desvaloriza a prática política que existia antes do uso da tecnologia e da personalização.

Outro aspecto preocupante no uso da personalização da informação para cativar ou capturar adeptos está na possibilidade de um mesmo movimento tecnológico-político reunir pessoas com distintas visões de mundo. Isto significa também que são adeptos de movimento populistas com distintas “bolhas de filtros”, mas que são aproximados pela

acurácia do modelo preditivo ao qual estão submetidas. Elas permanecem nas bolhas individuais personalizadas por meio da mídia digital e possuem perspectivas distintas da própria mobilização que integram. Basicamente, as pessoas mobilizadas estão emocionalmente envolvidas. O envolvimento das emoções, como fator mobilizador, pode ser sintetizado pelo estímulo algorítmico das emoções negativas, suscitando indignação. Neste sentido e em uma mobilização de bolhas de filtro é potencialmente heterogênea. Ela é potencialmente heterogênea, porque uma discussão mais detida e menos emocional entre os adeptos de uma mobilização populista, mostraria as diferenças entre perspectivas de mundo.

As pessoas envolvidas não precisam conversar entre si e aprofundar e transformar as indignações despertadas em temas de discussão, ensejando a reflexão política. Elas podem e são conduzidas a continuar manifestando as suas indignações emocionadas, permanecendo dentro do alcance do modelo de direcionamento do comportamento por meio do algoritmo.

Empoli relata como o Movimento 5 Estrelas da Itália revela um distanciamento do que, geralmente, se considera uma prática política. Neste modo de distanciamento e sem reflexão política, a tecnologia assume o papel de protagonista e modifica a formação de movimento que se tornam políticos. O trecho é explícito:

O que faz da Itália, mais uma vez, o Vale do Silício do populismo é que lá, pela primeira vez, o poder foi conquistado por uma forma nova de tecnopopulismo pós-ideológico, que fundado não em ideias, mas em algoritmos disponibilizados pelos engenheiros do caos. Não se trata, como em outros países, de homens políticos que empregam técnicos, mas de técnicos que tomam diretamente as rédeas do movimento, fundam partidos e escolhem os candidatos mais aptos a encarnar sua visão, até assumir o controle do governo de toda nação. (EMPOLI, 2020, p.40-41).

O fato de que os “técnicos” tomem “diretamente as rédeas do movimento” é uma sinalização de que não há uma reflexão política, por causa disto, este tipo de movimento se pretende “pós-ideológico” (EMPOLI, cit. supra, p. 40). O movimento é apenas a manifestação pura e simples de um direcionamento algorítmico. O movimento recolhe as emoções e canaliza sentimentos individualizados, muitas vezes, acentuando preconceitos. A ferramenta algorítmica, disponível como “análise de dados”, e o emprego de mensagens personalizadas não são propriamente cega, possui um objetivo. E, este objetivo está a



serviço de quem pode financiá-las e empregá-las. Este estado de coisa da própria ferramenta pode ser denominado de “patamar técnico”.

Neste sentido, um outro patamar é aquele do próprio mundo. Isto significa, também, que o político eleito pelo movimento alicerçado em modelos algoritmos, sem reflexão política, precisa agir no mundo. E qual é ação? De algum modo, o político populista eleito age de forma a “virar do avesso todas as regras estabelecidas”, procura se manter no foco catalisador da atenção. Ele pratica a série de inversões mencionadas antes: inexperiência se converte em esperança, incompetência se torna sinal de autenticidade etc. O político populista eleito precisa praticar assim manter a sua diferenciação frente a uma política tradicional em um pretense universo não ideológico. Este segundo patamar é não propriamente técnico, ele pode ser denominado de “patamar mundano”, no qual o político se esforça para manter o engajamento inicial dos seus adeptos que o conduziram ao poder.

A prática das *fake news* ou produção de “notícias fraudulentas” durante a pandemia é um exemplo do esforço desempenhado no “patamar mundano” por políticos populistas. Inclusive, na pandemia que grassou o mundo em 2020, em um cenário de um número crescente de mortes, a divulgação de notícias fraudulentas e as defesas de anticientificismo permeou as manifestações públicas de políticos não tradicionais. Empoli discorre sobre este papel das notícias fraudulentas na prática do líder populista no poder:

Assim, o líder de um movimento que agregue as *fake news* à construção de sua própria visão de mundo se destaca da manada dos comuns. Não é um burocrata pragmático e fatalista como os outros, mas um homem de ação, que constrói sua própria realidade para responder aos anseios de seus discípulos. Na Europa, como no resto do mundo, as mentiras têm a dianteira, pois são inseridas numa narrativa política que capta os temores e as aspirações de uma massa crescente do eleitorado, enquanto os fatos dos que as combatem inserem-se em um discurso que não é mais tido como crível. Na prática, para os adeptos dos populistas, a verdade dos fatos tomados um a um, não conta. O que é verdadeiro é a mensagem no seu conjunto, que corresponde a seus sentimentos e suas sensações. (EMPOLI, 2020, p.24)

Um elemento diferenciado constitui a “própria realidade” para o político populista e seus “discípulos”, este elemento é composto, também, por notícias falsas e, não raramente, fraudulentas (*fake news*). A “verdade dos fatos” é subsumida por um “conjunto” de “sentimentos” e de “sensações” oferecida aos adeptos, os quais se procura manter extremados. E, neste sentido, a prática populista dentro do “patamar mundano” não visa a



“verdade dos fatos”, mas o modo como o mundo pode ser percebido a cada momento, este modo não precisa ser igual ao real. Gera-se aqui um debate constante sobre a realidade e uma desqualificação do saber constituído (ciências). Este debater a realidade, segundo Empoli, é bem recebido pelos adeptos. E, a base desta aceitação é uma subjetividade treinada algorítmicamente por meios de sentimentos e de sensações previstos e aplicados conforme um padrão matemático-estatístico dos algoritmos.

O treinamento desta subjetividade provém da observação do uso de algoritmos na publicidade para aumentar as vendas. Um dos eixos para aplicar o recurso algorítmico é a personalização de mensagens e informações, no âmbito comercial, é a personalização de publicidade como, por exemplo, ofertas. No caso, da transição deste recurso tecnológico para a política, o que se oferece ao usuário, como o adepto de um movimento político, são as emoções, geralmente negativas e uma construção do mundo que não precisa ser o mundo real.

Jaron Lanier, profissional da computação que se tornou um ativista contra a modificação ou manipulação de comportamento por meio das redes sociais, destaca este tema das emoções. Ele descreve o panorama geral da ação algorítmica que se aprimora para manter o engajamento do usuário:

Não existe nenhum gênio maligno sentado em cubículo de uma empresa de mídia social calculando e concluindo que fazer mal às pessoas é mais “engajador” e, portanto, mais lucrativo do que fazê-las se sentirem bem. Pelo menos nunca conheci ou ouvi falar dessa pessoa.

A diretriz principal de gerar engajamento se retroalimenta, e ninguém percebe que as emoções negativas são mais amplificadas do que as positivas. O engajamento não tem o objetivo de servir a nenhum outro propósito particular além do próprio aprimoramento, e ainda assim o resultado é uma amplificação global e anômala das emoções “fáceis”, que por acaso são as negativas. (LANIER, 2018, p.30).

As “emoções fáceis” são aquelas primeiramente visadas pelo processo de aperfeiçoamento que “se retroalimenta”. Estas são as emoções negativas. Isto significa que o sistema que se está sempre se aprimorando, pois ele é construído (ou melhor: programado) para isto, captura e amplifica matéria-prima mais disponível e fácil para alcançar seus objetivos: as emoções negativas. O resultado do algoritmo em constante aprimoramento é estreitar o “engajamento” do usuário, mas, também, o de gerar uma anomalia. Esta “anomalia” pode ser aproveitada para fins políticos ou outros fins. Lanier faz inclusive uma espécie de desabafo a respeito:



Infelizmente, os manipuladores não conseguem obter qualquer resultado que queiram com igual facilidade. Não é possível pagar empresas de mídia social para ajudem encerrar guerras e fazer todo mundo se tratar com cortesia. A mídia social tendenciosa, não para a esquerda nem para direita, mas para baixo. A relativa facilidade de usar emoções negativas para fins como vício e manipulação faz com que os resultados indignos também sejam relativamente fáceis de alcançar. No fim das contas, uma combinação infeliz de biologia e matemática favorece e degradação do mundo humano. Unidades de guerra de informação influenciam eleições, grupos de ódio recrutam e niilistas obtêm um incrível retorno de investimento quando tentam derrubar a sociedade. (LANIER, 2018, p.32).

A transição de técnicas de “engajamento”, utilizadas pelos algoritmos em publicidade e em redes sociais, para o âmbito político, faz com detalhes técnicos se tornem objeto de ponderação. Um aprofundamento sobre esta complexidade, de origem técnica, exigiria um esforço adicional neste artigo e o desviaria do escopo da relação com a política. Entretanto, existem alguns escritos que se direcionam para base técnica algorítmica. Dentro do propósito da presente pesquisa, a passagem abaixo de Lanier serve como uma advertência que deixa transparecer a complexidade técnica envolvida:

Os algoritmos raramente são investigados, muito menos por cientistas de fora e independentes, em parte porque é difícil entender por que eles funcionam. Eles melhoram automaticamente, por meio de *feedback*. Um dos segredos do vale do Silício hoje em dia é que algumas pessoas parecem ser melhores do que outras em criar esquemas de aprendizado de máquinas que funcionem, e ninguém sabe por quê. O método mais automatizado de manipular o comportamento humano acaba sendo uma arte surpreendentemente intuitiva. Aqueles que conseguem transmitir com êxito mensagens para os algoritmos mais recentes se tornam estrelas e recebem salários espetaculares. (LANIER, 2018, p.49).

Fora do “patamar técnico” e dentro do “patamar mundano”, Giuliano Da Empoli mostra como são manuseados estes recursos técnicos por parte da população já engajada pelos algoritmos. Na associação dos recursos técnicos na política, produz o efeito da oportunidade de manifestar o desejo de ruptura contra os “profissionais da política”. E, assim estimulados pela noção mais ampla e básica da comunicação: a internet, os adeptos dos movimentos populistas realizam ações no sentido de manter uma performance contra formas tradicionais do fazer político. Neste sentido, os passos dados na direção desta nova espécie de política, com características disruptivas, são vistos como momentos de



participação e de liberdade. Entretanto, a outra face do processo, mais próxima do “patamar técnico”, vê o recurso amplo da internet como um “instrumento de controle”:

É em torno desse ponto que, desde o começo, repousa o grande mal-entendido do Movimento. Para sua base de militantes, internet é sinônimo de participação. É o instrumento de uma revolução democrática destinada a arrancar o poder das mãos de uma casta de profissionais da política e entregá-lo ao homem comum. Mas, para a elite do próprio Movimento, encarnada pela “diarquia” Casaleggio/Grillo, as coisas são diferentes: internet é, antes de tudo, um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo políticos. (EMPOLI, 2020, p.54).

Enfim, estes são alguns elementos que integram os fenômenos políticos mais recentes, destacando o uso que determinados movimentos populistas fizeram da tecnologia. Este uso conduziu a atos disruptivos tanto na forma de mobilizar as pessoas (o caso do Movimento 5 Estrelas por meio de um blog), quanto no modo de conduzir a política após uma eleição vitoriosa (manter o engajamento). A prática do populista eleito continua disruptiva por opção, acentuando as diferenças em relação à política tradicional e, para tanto são utilizadas uma série de inversões, mencionadas nesta seção.

O principal fator propiciador das ações populistas foi o aproveitamento do recurso técnico algorítmico. No que diz respeito a isto, o papel dos algoritmos na mobilização das emoções foi fundamental. Todos estes elementos fornecem um conjunto que pode ser confrontado com uma concepção razoável do que é a política. Uma concepção que seja razoável e ao mesmo tempo se afaste do rótulo geral utilizado pelos populistas de “política tradicional”. Os aspectos componentes de um possível balizador, isto é, de uma concepção de política não como pretendem os populistas, serão tratados na próxima seção.

## **2. A transformação do mundo e a destruição da política**

Uma reflexão sobre a política deve ter um cuidado especial em relação as suas próprias bases teóricas. Um dos motivos para isto é conhecer os pressupostos envolvidos



e evitar uma confusão conceitual. Esta confusão se tornou um fato ou dado histórico com o fenômeno do populismo impulsionado pelo uso de algoritmos. A clareza de uma interpretação sobre este fenômeno pode ser alcançada com um confronto com uma concepção de política clara e coerente. Esta seção procurará mostrar um tipo de concepção clara e coerente (coerência interna) de política. Certamente, existem outras possíveis dentro da tradição de reflexão da filosofia política, mas é preciso fazer uma opção delimitadora. A análise a seguir será acompanhada do estranhamento potencial frente ao mundo concreto, um estranhamento derivado do fenômeno populista que propõe uma “nova política”.

A transformação do mundo da política devido ao uso da tecnologia pode ser considerada, sob vários aspectos, não uma confusão ou uma ignorância conceitual, mas sim uma destruição da política tal como ela era concebida antes da influência direta tecnologia. Nos fatos expostos por Empoli, mencionados na primeira seção, a consequência geral é a de que o mundo político tradicional perde os seus contornos e se torna um elemento antiquado, indesejado, logo, passível de substituição ou destruição por uma corrosão institucional empreendida por uma “nova política”.

Mas, o cenário em seu todo deve ser analisado com cautela, pois se deve perguntar pelos elementos que constituem uma concepção razoável ou clara do que é a política. E, para responder a esta pergunta, serão expostos alguns elementos básicos da filosofia política de Leo Strauss. Convém deixar claro que não se trata de uma escolha que faz uma espécie de tributo a assim denominada perspectiva neoclássica, nem se faz trata aqui de conflitar com um possível conservadorismo deste autor. Independente destes fatores, a escolha se deve pela clareza da sua argumentação. Uma clareza que não se subtrai nem mesmo quando ele próprio critica a filosofia política e a filosofia contemporânea. Assim sendo, neste artigo destaca-se a resposta de Strauss sobre a pergunta: o que é a filosofia política? Mediante, sua clareza de exposição, converge-se aqui para um confronto razoável com a pretensa “nova política” do populismo no século XXI.

O ponto de partida é a consideração imediata de Strauss sobre a filosofia política. Ele é taxativo a respeito e nos anos 50 afirma:

A filosofia política, tal como tentamos circunscrevê-la, foi cultivada desde o seu início, praticamente sem nenhuma interrupção, até muito recentemente. Hoje, a



filosofia política está em um estado de decadência e talvez de putrefação, se é que ainda não desapareceu completamente. Não só há desacordo completo sobre o seu tema, seus métodos e sua função: sua própria existência, em quaisquer de suas formas, tornou-se questionável. (2011, p. 4).

Esta posição de Strauss a respeito da filosofia política contém explicações que percorrem dois caminhos: (1) a separação entre filosofia e ciência; e (2) a própria concepção do que seja a política e sua prática. A referência principal de ambos os caminhos é o Antiquidade. No que diz respeito à separação entre filosofia e ciência (1), ela é importante porque explica o surgimento de uma ciência que possui como objeto de estudo a política, ou seja, o surgimento de uma “ciência política”. Esta compreensão da ciência, voltada à política, rivalizou diretamente contra a filosofia política adequadamente dentro do vetor de que filosofia e ciência devem ser compreendidas separadamente. Strauss afirma que se distinguiu, por um lado, uma “ciência política não filosófica” e, por outro lado, uma “filosofia política não científica” e, em decorrência destes dois extremos, a filosofia é colocada fora do âmbito dos objetos de estudo da ciência emergente: “extensos segmentos que antes pertenciam à filosofia política ou à ciência política se emanciparam sob os nomes de economia, sociologia e psicologia social” (STRAUSS, 2011, p.4).

A resposta de Strauss sobre porque a filosofia política se encontra em um “estado de decadência e talvez putrefação” mostra a clareza de sua argumentação. Ele elabora a sua explicação passo a passo. Entretanto, convém assinalar que estes mesmos passos, ou etapas, estão subsumidos na segunda direção referida acima (2) e dizem respeito diretamente ao tema desta segunda seção: apresenta uma concepção do que seja a política. Uma estratégia de leitura dessa explicação de Strauss é que a continuidade da sua argumentação pode ser lida de forma inversa: indo de um determinado ponto ao início da sua preleção. Assim, partindo-se de um ponto anterior à impactante menção sobre o “estado de decadência” da filosofia política encontra-se a consideração sobre o que é “essencialmente” constitutivo da filosofia política:

O status cognitivo do conhecimento político não é diferente do conhecimento que possui o pastor, o marido, o general, ou o cozinheiro. No entanto, as buscas feitas por esses tipos de homens não fazem surgir a filosofia pastoral, marital, militar ou culinária, porque seus objetivos são suficientemente claros e sem ambiguidades. O fim último da política, por outro lado, convoca urgentemente a uma reflexão coerente. O objetivo do general é a vitória, ao passo que o objetivo do líder político é o bem comum. O que a vitória significa não é essencialmente controverso, mas o



sentido do bem comum é essencialmente controverso. A ambiguidade do objetivo político é devido ao seu caráter abrangente. Assim surge a tentação de negar, ou evitar, o caráter abrangente da política e de tratar a política como um compartimento como qualquer outro. Devemos resistir à essa tentação, se quisermos enfrentar nossa situação como seres humanos, isto é, a situação como um todo. (STRAUSS, 2011, p.3)

Na passagem citada, a política se destaca, em relação ao conhecimento, ou ao “status cognitivo”, perante outras atividades bem determinadas (“o pastor, o marido, o general, ou o cozinheiro”). A política se destaca porque o seu “status cognitivo” solicita uma ação adicional que não é apenas ser “pastor”, ser “marido”, ser “general” etc. A diferença é que a política convoca “a uma reflexão coerente”. E, esta reflexão é necessária porque o objetivo da política, “o bem comum”, é “essencialmente controverso”. Ele é controverso porque possui um “caráter abrangente” que o dota de “ambigüidade”.

Perante esta necessidade de uma “reflexão coerente” deve-se enfrentar a tarefa “como seres humanos” E, a tarefa possui o objetivo de ser “essencialmente controverso”. Aqui cabe uma advertência sobre o que deve ser preservado neste “caráter abrangente”, pois não se pode “tratar a política como um compartimento como qualquer outro”. Todas as características da política possuem a necessidade de uma reflexão coerente devido ao do caráter abrangente que atinge todo aquele que inicia uma ponderação sobre as ações políticas. Todas estas características estão enraizadas na própria definição do que é política, mas que diz esta definição? Isto permite regredir ao início da preleção.

No primeiro parágrafo Strauss aborda o mundo concreto, no qual está a “ação política” junto com o próprio objetivo da política que é o “bem comum”. Esta reunião entre a “ação política” e o “bem comum”, ou simplesmente apenas “bem”, traz consigo a necessidade da reflexão sobre o que seria este “bem”. E, assim a discussão se posiciona no estudo realizado pela filosofia. Conseqüentemente, este posicionar-se dentro da filosofia, inaugura um ramo específico que é a filosofia política. O trecho citado a seguir mostra todos estes elementos, os quais se tornarão um ponto de partida para a sua argumentação:

[...]. Toda ação política visa ou a preservação ou a mudança. Quando se deseja preservar, almeja-se prevenir mudanças para pior; quando se deseja mudar, almeja-se trazer algo melhor. Toda ação política é, portanto, guiada por algum pensamento sobre o melhor ou o pior. Mas o pensamento a respeito do melhor ou do pior implica pensar o bem. A percepção do bem que dirige todas as nossas ações tem caráter



de opinião: já não é mais questionado, porém, refletindo-se, prova-se questionável. O fato de que podemos questioná-la, direciona-nos a um pensamento sobre o bem que não é mais questionável — rumo a um pensamento que não é mais opinião, mas conhecimento. Toda ação política contém em si mesma um direcionamento ao conhecimento do bem: a boa vida, ou a boa sociedade. Já que a boa sociedade é o bem político completo. (STRAUSS, 2011, p.1)

A “preservação ou a mudança” estão situadas no mundo concreto e se efetivam a partir de ações guiadas pelo pensamento sobre o “melhor ou o pior”. A filosofia política se posiciona neste pensamento sobre o “melhor ou o pior”, que é um “direcionamento ao conhecimento do bem”. O esforço empreendido neste direcionamento visa conduzir de uma “opinião” sobre o “bem” para um “conhecimento” do “bem”. Destaca-se que o conhecimento sobre o “bem” teria como parâmetro um “pensamento sobre o bem que não é mais questionável”. Por outro lado, no contexto da “opinião”, o “bem” ou o conhecimento sobre o “bem” ainda se manteria como “questionável”.

A vinculação com o mundo concreto contida naquilo que constitui a ação política (“preservar” ou “mudar”) é contínuo ao pensamento sobre o “bem”. Esta vinculação está no centro da tarefa de passar de uma opinião ao conhecimento. Por estar associada ao mundo concreto, a ação política e um contínuo pensar sobre o “bem”, permite que se nomeie um constructo adicional na argumentação: as “coisas políticas”:

A filosofia política então será uma tentativa de substituir a opinião sobre a natureza das coisas políticas pelo conhecimento da natureza das coisas políticas. Coisas políticas pela sua natureza são submetidas à aprovação ou desaprovação, à escolha ou rejeição, ao elogio ou acusação. Sua essência é não ser neutra, mas sim a de erguer uma reivindicação à obediência, à aliança, à decisão ou ao julgamento dos homens. Não são compreendidas como elas são, como coisas políticas, se não se leva a sério sua reivindicação explícita ou implícita de ser julgada em termos de bem ou mal, de justiça ou injustiça, isto é, se não são avaliadas por algum padrão de bem ou justiça. Para julgar de forma fundamentada devem-se conhecer os verdadeiros padrões. Se a filosofia política deseja fazer justiça a seu tema, deve lutar pelo conhecimento verdadeiro desses padrões. A filosofia política é a tentativa de se saber verdadeiramente tanto a natureza das coisas políticas quanto a boa ou correta ordem política. (STRAUSS, 2011, p.2-3).

O núcleo principal das “coisas políticas” é a sua “natureza”. Esta “natureza” revela que as “coisas políticas” podem ter o estatuto de uma “opinião”, mas podem, também, passar ao estatuto de “conhecimento”. Outro elemento importante relacionado às coisas políticas é o seu caráter não neutro. Esta não neutralidade é essencial e está presente tanto



na opinião quanto no conhecimento das “coisas políticas”. A não neutralidade se manifesta na “aprovação ou desaprovação” na “escolha ou rejeição” e no “elogio ou acusação”.

As “coisas políticas” dependem da “reivindicação explícita ou implícita” de um julgamento sobre o “bem ou mal”, visando o que é justo e o que é injusto. E, Strauss complementa que a filosofia política, a mesma que permite a passagem da opinião ao conhecimento das “coisas políticas”, realiza uma luta “pelo conhecimento verdadeiro” de “padrões”.

Convém lembrar que estes padrões são os “padrões” de “bem ou justiça” são diferentes de um outro tipo de padrão desenvolvido junto com a ação política recente e atual: os padrões alcançados por análise de uma massa de dados sobre o comportamento humano, gerando certos perfis por meio de aprendizado de máquina (*Machine Learning*). Os padrões que emergem do aprendizado de máquina se tornaram um recurso irresistível para se alcançar um efeito desejado nos âmbitos comercial e político. Entretanto, por mais estranho que possam parecer, mesmo nestes padrões encontrados por meio do processamento de dados, quando utilizados no âmbito da política, o foco se mantém sobre o julgamento ou o posicionamento sobre o que é o “bem” referente a um assunto. Ainda que isto seja feito de forma fragmentada e acelerada, tal como é adequado ao fluxo de informações. Resta indagar se um foco com tal fluxo consegue realizar um trânsito: converter a mera opinião sobre o “bem” em um conhecimento sobre o bem.

Diante de uma época perpassada pela tecnologia e com o acúmulo de dados (*Big Data*) é conveniente perguntar: o que seria hoje (século XXI), então, a “coisa política”? Certamente, o que se mantém é o fato de que as “coisas políticas” possuem uma reivindicação (“à obediência, à aliança, à decisão ou ao julgamento dos homens”). Esta reivindicação expressa um posicionamento “em termos de bem ou mal” e amplia, inevitavelmente, o quadro de investigação, pois o “bem e o mal” devem ser em princípio objetos de ponderação e reflexão. O “bem” e o “mal” são controversos e pertencem a um campo ambíguo. Mas, esta necessária ponderação só se torna possível se ela é valorizada como pertencente à definição mesma do seja a política. Strauss reúne em uma sequência os elementos que decorrem do perguntar o que é a política. As suas palavras são seguintes:

A ciência política pressupõe a distinção entre coisas políticas e coisas que não são políticas; pressupõe, portanto, alguma resposta para a pergunta —o que é político?



Para que seja verdadeiramente científica, a ciência política deveria fazer essa pergunta e respondê-la de maneira explícita e adequada. Mas é impossível definir o que é político, ou seja, aquilo que é relacionado de maneira relevante à polis, ao país ou ao —Estado sem responder à pergunta sobre o que constitui esse tipo de sociedade. Porém, a sociedade não pode ser definida sem referência a seu propósito. A tentativa mais conhecida de definir —o Estado sem recorrer a seu propósito, levou assumidamente a uma definição que foi derivada do —tipo moderno de Estado e que é totalmente aplicável apenas a esse tipo; foi uma tentativa de definir o Estado moderno sem antes definir o que é Estado. Mas ao se definir o que é Estado, ou então sociedade civil, com referência a sua finalidade, deve-se admitir um padrão sob o qual se deve julgar ações políticas e instituições: o propósito da sociedade civil necessariamente funciona como um padrão para julgar sociedades civis. (STRAUSS, 2011, p.9)

O aprofundamento sobre a natureza das “coisas políticas” abre outros pontos de discussão e Strauss faz um encadeamento passo a passo sobre esclarecer o que seria “o político”. Ele chega a novos questionamentos, pequenos mas importantes e termina na pergunta sobre qual seria o “tipo de sociedade” no qual “o político” em termos de conceito. Segundo este passo a passo, em determinado tipo de sociedade, há um propósito que integra o “padrão” a ser encontrado. Assim, “o político”, ou a política ou a prática política, dependerá do tipo de sociedade que revela “o que é relevante à polis, ao país”.

Na atualidade, vários elementos complicadores se imiscuem nestes termos utilizados por Strauss e dificultam a compreensão em geral, ou mesmo quando a busca de compreensão é realizada reflexivamente. Termos que são respostas às perguntas do cientista de dados como o que é e que não é “relevante” e, também, quais são “padrões” existentes misturam discursos e área de conhecimentos diferentes como a política e a ciência de computação. Os profissionais das ciências de dados utilizam estes termos durante a preparação de um banco de dados para o treinamento de um algoritmo de aprendizado de máquina. O algoritmo de aprendizado visará justamente estes “padrões”, neste banco de dados, para determinar uma previsão de um problema determinado e recomendar uma ação.

Os modelos de aprendizado de máquina migraram do âmbito comercial para o processo de direcionamento do comportamento no âmbito político. E, o modo de fazer o direcionamento de comportamento em ambos os âmbitos é por meio da informação personalizada. E, conseqüentemente, a sociedade, cada vez mais personalizada, torna-se difícil de ser definida como um determinado tipo de sociedade, assim como é referido por Strauss. Este tema da personalização, no uso da internet atual, é exposto por Eli Pariser:



O código básico no seio da nova internet é bastante simples. A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações. (PARISER, Arquivo, p.11).

Este cenário afasta ainda mais a possibilidade de uma política baseada em uma consideração mais ampla sobre qual é num tipo de sociedade em que se vive ou se deseja viver. Uma política deste gênero, e não algorítmico-populista, depende de um padrão do que é “relevante” sem uma personalização da sua base de apoio. Quando o autor exposto na primeira seção, Giuliano Da Empoli analisa o processo recente do *Brexit* na Grã-Bretanha, afirma que a reivindicação, justamente aquilo que faz parte característica da natureza das “coisas políticas” segundo Strauss, pode ser diferente de uma pessoa a outra mediante informação personalizada. Os cientistas de dados (nomeados por Empoli como “físicos”) conseguem manipular as diferentes reivindicações pela programação algorítmica e canalizá-las para alcançar o objetivo de que está pagando o trabalho dos “físicos” ou profissionais da ciência da computação.

Neste sentido, as “coisas políticas” são transladadas para a esfera individual de indivíduo para indivíduo, embora ainda constituam uma reivindicação, não são mais encontradas em meio comum que permitisse pensar a respeito do tipo de sociedade que está implicada no contexto. Um pensamento ou reflexão que permitirá conhecer como diz Strauss: o “que é relevante à polis”. A diferenciação de conteúdo personalizado para cada eleitor molda a sua perspectiva deste eleitor sobre o mundo e corrói a noção de um meio comum social. Enfim, o exemplo dado por Empoli, a partir do processo de persuasão dentro do *Brexit*, é o seguinte:

Graças ao trabalho desses físicos aplicados à comunicação, cada categoria de eleitores recebeu uma mensagem sob medida: para os animalistas, uma mensagem sobre as regulamentações européias que ameaçam os direitos dos animais; para os caçadores, uma mensagem sobre regulamentações européias que, ao contrário, protegem os animais para os liberaristas, uma mensagem sobre o peso da burocracia de Bruxelas. E para os estatistas, uma mensagem sobre os recursos desviados do estado de bem-estar para a União. Graças a todas as versões possíveis dessas mensagens, os físicos de dados puderam identificar as mais



eficazes, da formulação do texto ao aspecto gráfico. Puderam também otimizar continuamente, em função dos cliques registrados em tempo real. (EMPOLI, 2020, p.151).

Este tratamento da informação de forma personalizada no cenário político não favorece de forma alguma um padrão conforme aquele que é exigido pela pergunta: “o que é o político?” E, na ausência desta resposta, o que existe são diferentes reivindicações (ou diferentes “coisas políticas”) em uma mobilização ou manifestação. Mas, tais reivindicações não podem ser aprofundadas, sob o risco de que, um aprofundamento rompa a tessitura realizada pelas informações personalizadas. Isto significa, também, que, aquilo que reúne os reivindicadores não é uma ideologia, mas talvez um conjunto de valores dispersos e não mal associados. Portanto, o que reúne efetivamente os reivindicadores, mobilizados pelo populismo do século XXI, é o efeito causado pelo algoritmo que dá direção para uma indignação genérica, sustentada por uma personalização em cada aparelho celular dos reivindicadores. Os valores envolvidos não podem ser aprofundados, eles se tornam demasiadamente pessoais, mas a ação algorítmica não está voltada para um aprofundamento e sim, apenas, para o constante instigar das emoções.

O tema dos valores, entretanto, é particularmente importante para Strauss. Os valores podem apontar para uma direção, mas podem ser utilizados em uma outra direção não correta como explica Strauss. Um conjunto de valores indicaria que há uma base moral comum a um determinado grupo ou população ou cidade. E, isto constitui um elemento para encontrar balizador de um determinado tipo de sociedade. Mas, Strauss afirma que os valores devem ser discutidos racionalmente e não se pode prescindir disto, ou considerar que, por serem valores adotados por alguém, não deveriam, por causa disto, serem discutidos. As palavras de Strauss são estas:

A crença de que julgamentos de valores não são submetidos, afinal, a controle racional, encoraja a inclinação de se fazer afirmações irresponsáveis sobre o certo e o errado ou o bem e o mal. Evita-se discussões de sérias questões pelo simples recurso de apresentá-las como problemas de valores. (STRAUSS, 2011, p.10).

A menção da possibilidade de uma apresentação de “sérias questões simples” como “problemas de valores” e que, por causa disto estas mesmas “discussões sérias” são evitadas, indica um pendor à individualização já na época de Strauss. Mas, justamente, o



que está em discussão nestas “questões sérias” é “o certo e o errado ou o bem e o mal” como refere Strauss. O problema era o de que os valores envolvidos colocavam os indivíduos perante a necessidade de uma reflexão, que não é qualquer reflexão, mas aquela da filosofia política a respeito das “coisas políticas”. Estas “coisas políticas” contêm em sua natureza uma reivindicação e o potencial de ser uma “questão séria” ou não. Se a “questão séria” irá se confirmar, dependerá da reflexão.

Para Strauss, os valores devem estar presentes. Mas, este problema remete ao mundo concreto. Quando Strauss explicita o porquê da filosofia política (1952) atual se encontrar em decadência, esta explicação esclarece o caráter do remetimento ao mundo concreto:

Comparada com a filosofia política clássica, todo o pensamento político posterior, independentemente dos méritos que tiver, e em particular o pensamento político moderno, tem um caráter pouco original. Isso quer dizer que aconteceu um afastamento de questões simples e primárias. Isso conferiu à filosofia política um caráter de —abstração e, portanto, engendrou a visão de que o movimento filosófico deve ser um movimento, não da opinião para o conhecimento, não do aqui e agora para o que é sempre e eterno, mas do abstrato para o concreto. Pensou-se que pelo simples ato deste movimento em direção ao concreto, a filosofia contemporânea tivesse superado as limitações não só da filosofia política moderna, mas também da filosofia política clássica. Não se percebeu, entretanto, que essa mudança de orientação perpetuou o defeito original da filosofia moderna porque aceitou a abstração como seu ponto de partida, e que o concreto ao qual eventualmente chegou não era o verdadeiramente concreto, mas ainda uma abstração.” (STRAUSS, 2011, p.15)

Esta passagem apresenta quais são os balizadores filosóficos para Strauss considerar a filosofia política atual como algo decadente. Estes balizadores têm seu eixo na filosofia moderna, a qual, segundo Strauss, possui um “defeito” e este foi perpetuado na filosofia contemporânea. O “defeito” da filosofia moderna e ainda não resolvido ou não percebido pela filosofia contemporânea é partir da abstração para chegar ainda em “uma abstração”. Ou seja, procura-se chegar ao mundo concreto, mas não se remete ao mundo concreto e, ao se manter no âmbito do abstrato, não realiza a tarefa maior que é estabelecer um espaço de reflexão que percorra as “coisas políticas”. Sem este espaço de reflexão não é possível fazer com que a mera opinião sobre estas “coisas políticas” (que possuem, na sua natureza, a reivindicação) passe a ser um conhecimento. A permanência no âmbito da mera opinião permite o lidar com as “coisas políticas” esteja vulnerável a intervenções



externas, como aquela da tecnologia que utilizou e utiliza algoritmos originalmente adaptados para manter a fidelidade do cliente em um trato comercial.

Há, inclusive, um trecho em que Strauss faz uma menção à tecnologia. Ele procura mostrar uma diferença de perspectivas entre a “visão clássica” e a “visão” mais recente. Pois, ele termina o trecho com palavras não muito auspiciosas a respeito dos efeitos da tecnologia sobre a política (ou “controle político” e sobre a condição humana. O trecho é o seguinte:

A diferença essencial entre a nossa visão e a visão clássica consiste, portanto, não na diferença sobre um princípio moral, não em uma compreensão distinta da justiça. Nós também, e até os comunistas, com os quais coexistimos, pensamos que é justo dar coisas iguais a pessoas iguais e coisas desiguais a pessoas de mérito desigual. A diferença entre nós e os clássicos, em relação à democracia, consiste exclusivamente em uma estimativa diferente sobre as virtudes da tecnologia. Mas não podemos dizer que a visão clássica tem que ser refutada. Sua profecia implícita de que a emancipação da tecnologia, das artes, da moral e do controle político levaria a um desastre ou a desumanização do homem, ainda não foi refutada. (STRAUSS, 2011, p.24-25)

A sua palestra de 1952 destacou precisamente o fator da tecnologia que assumiu um papel crucial nas ações políticas do século XXI. Segundo Strauss nesta passagem, a tecnologia constitui um critério de diferenciação entre os “clássicos” e o mundo contemporâneo. Este critério pode ser expresso pela estimativa que as épocas fazem sobre a tecnologia, há aqui “uma estimativa diferente das virtudes da tecnologia”. Por detrás desta diferença está a ameaça de uma possível “destruição ou a desumanização do homem”. Atualizando este discurso, isto se deve aos modos como a tecnologia encaminha a vida e a compreensão no âmbito comum de convívio. Os modos da personalização e do dos “filtros bolha” algorítmicos constituem uma dimensão nas quais estariam as “coisas políticas”. Mas, esta dimensão não favorece nem a reflexão, nem o âmbito comum de convívio e, portanto, não favorece em nada a passagem da mera opinião para o simples conhecimento dos assuntos que devem ser tratados no âmbito político.

Esta seção procurou mostrar como uma concepção consolidada de política possui diferenças e exigências que não são consideradas por uma “nova política” sustentada por um processo algorítmico de personalização e estímulo das emoções. Mais detalhadamente, a exposição mostrou que as “coisas políticas” são centrais e são objetos de opinião e de



um possível conhecimento mediante um aprofundamento por parte dos indivíduos. A natureza destas “coisas políticas” traz consigo uma reivindicação e esta reivindicação deve, em princípio, transparecer um julgamento sobre o todo da comunidade ou cidade. Mas, o elemento comum se perde, tal como foi visto, por certos aspectos inerentes da personalização algorítmica, aspectos principalmente tratados na primeira seção e recuperados nesta segunda seção. A conclusão é a de que apenas a clareza conceitual não é suficiente para gerar a perspectiva de um a clareza sobre as “coisas políticas” ou de âmbito comum entre os indivíduos no mundo contemporâneo. Justamente porque os recursos tecnológicos não contribuem com uma contrapartida em que os conceitos subtendidos nas reivindicações das “coisas políticas” sejam visualizados e esclarecidos.

### Considerações finais

Este estudo procurou se deter em alguns fenômenos políticos do mundo atual, principalmente o fenômeno do populismo impulsionado pela conquistas tecnológicas que facilitaram a comunicação e criaram o engajamento de usuários de uma rede digital. Procurando delimitar os contornos destes fenômenos políticos, o artigo centrou-se no conceito do que é a política e para isto reviu dois elementos: um que apontou para o âmbito concreto da influência da tecnologia na política, isto foi feito na primeira seção. E, o segundo elemento, mostrou como pode ser compreendido no âmbito da filosofia, o conceito da política. Isto foi tratado na segunda seção Neste caso, utilizou-se o texto de Leo Strauss: “O que é filosofia política?”

A análise das duas seções seguiu a seguinte pergunta diretriz: quais as dificuldades da reflexão filosófica deve enfrentar diante de um populismo político tecnológico? Na primeira seção, a conclusão encontrada foi: os fenômenos políticos propiciados pelos movimentos populistas tiveram um impacto disruptivo no âmbito político. Este tipo de impacto ocorreu e ainda ocorre, de forma dividida, em dois momentos sequenciais: quando o movimento se organiza por meio de plataformas digitais para alcançar os seus propósitos (uma eleição, ou a saída da Comunidade Européia como no caso do *Brexit*). E, também, quando, após alcançar estes propósitos, mantêm os militantes instigados. Procura-se manter o engajamento no movimento de forma semelhante ao modo do “engajamento” da



publicidade digital comercial. As ferramentas que antes eram usadas no meio comercial foram convertidas para fins políticos. A consequência geral foi a de que a prática política perdeu a possibilidade de ser acompanhada por uma reflexão aprofundada. De certo modo, o uso da comunicação digital, para fins políticos, reforçou o uso das emoções na mobilização dos adeptos. Destaca-se o uso das emoções negativas na comunicação digital (mídia, rede social etc), por se mostrarem mais eficientes para suscitar o engajamento.

Na segunda seção, o desenvolvimento do artigo voltou-se para o trabalho de recuperar o significado da prática política segundo as suas características intrínsecas e a sua finalidade. Neste sentido, utilizou-se o texto de Leo Strauss em seu escrito “O que é filosofia política?” Inicialmente se destacou o conceito de “coisas políticas”. As “coisas políticas” apontam para a manifestação de uma reivindicação que necessita de alguma estabilidade no que diz respeito ao tipo de sociedade envolvida, pois nesta deve transparecer um julgamento sobre estas “coisas políticas”. A conclusão desta seção é que o uso que o populismo faz dos recursos algorítmicos provoca a perda de um elemento comum necessário para compreender a sociedade como um todo. Além isto, a clareza conceitual, por si só, não consegue modificar a situação. A clareza conceitual não é procurada pelos populistas e nem valorizada, agravando os fenômenos disruptivos, pois sem o aprofundamento de uma reflexão, mesmo que seja uma reflexão em geral, a política fica desorientada e tende ao caos.

A resposta para a pergunta principal sobre as dificuldades da filosofia se dá em dois momentos, acompanhando elementos das duas seções. Ou seja, primeiramente: a filosofia carece de uma instrução, mesmo básica, sobre os algoritmos e sobre o aprendizado de máquina (*Machine Learning*), largamente utilizado nos tempos atuais. Secundariamente, a filosofia pode estar acometida de um “defeito” como refere Strauss (*cit. supra*, p.15). Isto significa que ela ainda se coloca distante do mundo concreto, porque parte de uma “abstração” e não do “aqui e agora”. Por fim, os elementos constantes neste artigo podem ser subsídios para novos aprofundamentos e perguntas mais agudas que aproximem a filosofia do mundo do “aqui e agora”.



## Referências

**VEIGA, Itamar Soares. NOTAS SOBRE O USO DE ALGORITMOS NA POLÍTICA E AS DIFICULDADES DA REFLEXÃO FILOSÓFICA. p. 74-97**

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

LANIER, J. **Dez Argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução**: o neoliberalismo em chave estratégica. São Paulo: n-1 Edições, 2019

PARISER, E. **O Filtro Invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

STRAUSS, L. *O que é filosofia política?* In: **Leviathan** – Cadernos de Pesquisa Política, n. 2, pp. 167-193, 2011. Tradução de Francesca Cricelli



VEIGA, Itamar Soares. NOTAS SOBRE O USO DE ALGORITMOS NA POLÍTICA E AS DIFICULDADES DA REFLEXÃO FILOSÓFICA. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.17, N.1, 2020, p. 74-97.

Recebido: 07/2021  
Aprovado: 08/2021



**97**